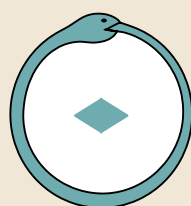
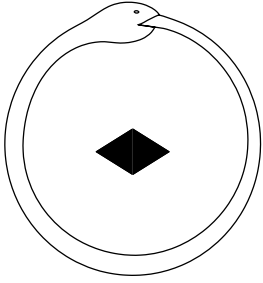


QUAL É A COISA
CERTA A SE FAZER?
Vandana Shiva, Alberto Acosta,
Eliza Levy e Baptiste Lanaspèze



cadernos
SELVAGEM





QUAL É A COISA CERTA A SE FAZER?

Vandana Shiva, Alberto Acosta,

Eliza Levy e Baptiste Lanaspèze

Entre 22 e 28 de agosto de 2022, aconteceu em Arles, no sul da França, a terceira edição do [Agir pour le Vivant](#) [Agir pelo vivo], festival que une vários pensadores de diferentes gerações e países para refletir e construir uma sociedade dos vivos, onde a vida (humana e não humana) esteja acima de tudo. Para a noite de 25 de agosto, foi planejada uma mesa de debate intitulada “Compor os mundos: uma contra proposição à modernidade”, que contou com a participação de Vandana Shiva, a diretora de filmes Eliza Levy, Baptiste Lanaspèze, que criou a editora Wild project, e o economista Alberto Acosta. A moderação foi de Maxime Ollivier e Agathe Redier, do coletivo [Le Bruit qui Court](#) [O burburinho], um grupo de 40 jovens artistas e ativistas ecológicos. A conversa se deu após a exibição do filme [Composer les monde](#) [Compondo os mundos] dirigido por Eliza Levy em diálogo com o antropólogo Philippe Descola. Este caderno é composto por alguns trechos dessa conversa.

COLETIVO O BURBURINHO: Para dizer a verdade, não somos nem filósofos, nem grandes jornalistas, nem grandes escritores. Somos apenas jovens que agem pela justiça climática e social, que se levantam de manhã com vontade de agir e que, às vezes, têm um pouco de medo de fracassar. Portanto, vamos fazer coisas simples, perguntas simples para uma situação bastante simples: a urgência de agir.

Para começar, a relação entre pensamento e ação: nós do Coletivo somos simplesmente ativistas, estamos mais em ação, temos a vontade de agir. Chamamos de urgência de agir, especialmente diante da consciência ecológica e social de hoje. Como você consegue ligar pensamento e ação? Queremos agir, queremos estar em ação o tempo todo, temos

que nos afastar do que estamos fazendo para podermos agir da melhor maneira possível, dizemos a nós mesmos que tudo já foi escrito, que tudo já foi produzido, como um documentário; e como você, Alberto Costa, combina este pensamento e esta ação? Porque você vem combinando pensamento com o ativismo há anos.

ALBERTO ACOSTA: Definitivamente, nem tudo está dito, nem está feito. Na realidade, as lutas estão sempre começando, e o que deve nos mover é a capacidade de criar horizontes motivadores. Começo, então, expressando minha grande emoção de estar aqui neste festival, em Arles. Há muitas razões para estar contente. Tenho encontrado pessoas de todas as idades, que estão buscando meios de mudar o mundo, e creio que isso, em si, já é motivante. Assistimos ao filme de Eliza Levy, que nos demonstra, num caso concreto, como podem se dar as lutas, inclusive guiadas por pessoas que não vivem nos territórios que estão sendo afetados. Minha emoção aumentou ainda mais quando recebi, hoje, um livro, o [*Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento*](#), editado por Baptiste e sua editora. Um amigo meu dizia, há alguns anos, que se fizermos um pouco de silêncio, em termos figurativos, e escutarmos o que se passa no mundo, vamos ao futuro, ao pluriverso espiral. Nesse livro, que organizamos em cinco pessoas, da Colômbia, Itália, Índia, Austrália e Equador, recolhemos 110 contribuições de 120 pessoas de todos os continentes. Não é uma propaganda do livro, mas um reconhecimento, de que no mundo inteiro há muitas opções alternativas, que estão sendo postas em prática em diversas comunidades. Há mais duas razões que me motivam e me entusiasmam: a primeira e fundamental é estar aqui com Vandana Shiva, que para mim é um enorme estímulo para seguir pensando nos novos mundos possíveis. Para mim e minha companheira, Ana Maria, é sempre um enorme estímulo e uma grande inspiração escutar o que diz Vandana. Mas há algo mais que me motiva, que me chega ao coração, sobretudo, pensando em meus netos e bisnetos: a quantidade de jovens presentes, profundamente comprometidos em construir outros mundos possíveis. Esses mundos possíveis, na chave de transições que nos colocam aqui, requerem vários elementos. Vou listá-los de maneira muito rápida, para não os aborrecer, nem os cansar.

A primeira: temos que nos reencontrar com nossos vizinhos e nossas vizinhas, entendermos que somos comunidades humanas. Essa parece ser uma das tarefas fundamentais: começar a compreender com quem vivemos e com quem temos que transformar o mundo. A segunda, que também é fundamental: entender que somos natureza. Entendo perfeitamente o tema da definição de natureza, como diz Philippe Descola, mas entendemos, definitivamente, que somos natureza e que não podemos seguir dominando-a, colocando-nos, figurativamente falando, à margem da natureza. A tarefa é, em definitivo, agir pelo vivo.

COLETIVO O BURBURINHO: Vandana, queremos fazer essa mesma pergunta, sobre ligações entre o pensamento e a ação. Como jovens, e há muitos jovens no público, estamos muito interessados em ter conselhos sobre como agir da maneira mais eficaz. Esta pergunta é realmente provocativa para esse festival, que está muito focado em obras literárias de autores e autoras, mas é uma pergunta que queremos fazer. Ainda precisamos de livros hoje? Não precisamos mais de ação do que de livros? Discutimos muito, trocamos muito, precisamos agir ou pensar, ou ambos ao mesmo tempo? E como podemos ter certeza de que somos mais eficientes em nossas ações, gastando tempo pensando em como ser justos e coerentes nessas ações?

VANDANA SHIVA: Não podemos mais ter esse ponto de vista, de uma natureza passiva, devemos estar no coração da natureza, no coração da ação. Nós somos natureza e a natureza é a base da nossa vida. Sem árvores, não respiramos. O filme mostra imagens de terras irrigadas na ZAD¹ e outras de rios secos. A França representa bem o problema de como estamos tratando a terra. Eu considero esta ideia artificial de separação entre o humano e a Natureza uma forma de *apartheid*, *apartheid* ecológico. A palavra *apartheid* é utilizada para a separação de raças, mas

1. ZAD: zona a defender. A ZAD Notre Dame des Landes foi uma ocupação na França contra um projeto novo de aeroporto entre 2008 e 2018. A ZAD tornou-se uma zona de experimentação com a vida em sociedade não mercantil e várias outras experiências sociais e abriga mais de 200 pessoas até hoje. Para mais informações sobre a ZAD Notre Dame des Landes na França, mencionada no filme, ver esses links: <https://zad.nadir.org/> e <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/42613/751375137864/>

a separação da Natureza e do humano também é um *apartheid*, o *apartheid* ecológico. A superação do *apartheid* depende de nossa imaginação e ação. Vocês (franceses) deram Descartes ao mundo, que criou essa divisão terrível entre o humano e o seu entorno. Ele disse que não havia algo como uma “vida”, que não podemos “agir pela vida”, porque não há vida! Tudo o que há são medidas, a realidade são só medidas. Então, vocês me perguntam como combinar ideias e ações, mas ideias sem ações são vazias, e ações sem ideias são o próprio vazio. Eu acho que a beleza do filme é, por maior que fosse a ideia, que as pessoas envolvidas não ignoraram o caminho. Elas não sabiam no que elas estavam se transformando! Quanto à história dos demolidores na ZAD e a chegada do exército, é exatamente o que acontece onde quer que haja uma mente. Podemos perguntar a nossos amigos da Colômbia, nossas irmãs da Amazônia, exatamente a mesma militarização se impondo por toda parte. Agir pelo vivo, portanto, significa, antes de tudo, entender que o “vivo” é a vida. E agir pelo vivo significa agir com o vivo, e sem violência para o que é vivo, e isso significa parar a corrida e criar um sistema de não violência. A beleza disso é que não importa qual é o seu filtro de intelectualidade. Os indígenas da Amazônia ou da Colômbia têm diferentes vocabulários, diferentes filtros, mas, no fim das contas, é tudo acerca da vida no centro da Vida. A grande confusão... e vocês são parte também desse experimento, e somos privilegiados em participar desta mesa moderada por vocês, porque vocês são os líderes moldando o futuro. Agir pelo vivo significa praticar o ato de viver, e esse é o verdadeiro significado da palavra “economia”. Economia é “a arte de viver”, e não se pode praticar a arte de viver sem a vida. O que chamamos de “economia” hoje, que é a força destrutiva mobilizada por toda parte, é a arte de fazer dinheiro. Não deveríamos desvalorizar a palavra “economia” associando-a com o roubo e a pilhagem em nossas sociedades.

COLETIVO O BURBURINHO: Então, vocês nos lembraram do efeito da urgência climática e social, no filme e no discurso. Neste verão, ligamos a TV e vemos os incêndios florestais na França, abrimos o jornal e vemos que a terra está seca, sentimos a onda de calor chegando muito mais cedo do que o normal, e muitos de nós aqui estamos passando por

uma forte onda de grande ansiedade. Assim, antes falávamos da emergência climática e a imaginávamos em termos de décadas, hoje falamos dela em termos de dias. Há vários ativistas, especialmente da “Dernière rénovation”, que nos lembram regularmente do número de dias através de ações. Hoje fizemos um pequeno cálculo, temos 942 dias² para uma reviravolta radical, a fim de evitar efeitos muito severos. Portanto, são apenas 942 dias, são três anos para uma reviravolta radical, que será lembrada pelo IPCC. Nesse processo, nos sentimos um pouco desamparados, um pouco desarmados, não sabemos realmente o que fazer. Então, o que eu gostaria de perguntar é: como podemos assegurar uma sociedade quando vemos que a reviravolta radical que esperamos não está acontecendo? Na verdade, qual é a tarefa principal? Qual é a emergência? Aonde vamos para fazer esta mudança radical? Esta pergunta será dirigida a vocês quatro, porque é uma vasta questão. Eu proponho que Eliza comece.

ELIZA LEVY: É uma grande responsabilidade. Acabei de ouvir Vandana e estou bem emocionada e tocada por sua potência. É verdade que tenho me perguntado se temos que desaparecer com o termo *natureza*. Por qual outro termo poderíamos substituí-lo? Como ela diz, a palavra “vida” basta; pensando nas palavras, “vida” é uma palavra que pode nos ajudar a nos transformar. Eu também fico extremamente preocupada e ansiosa, eu tenho filhos... É muito difícil saber como habitar, e é essa a questão que nossa geração tem que resolver, ainda que não sejamos exatamente da mesma geração. Eu não tenho uma resposta. Eu acho que na luta, na própria reflexão, na busca é que encontramos a solução. Estamos juntos, mantemos uma relação dando corpo a ela, antes do indivíduo. Eu diria que vamos começar a encontrar uma mudança quando ela seja coletiva. Tenho a íntima convicção de que, na verdade, não é tão complicado se transformar, desde que o façamos coletivamente. De todo modo, é o que vocês fazem, estando juntos, buscando. É nesse momento que encontramos a felicidade e refazemos, recomparamos os mundos. Eu diria que é nas lutas, na pesquisa, na reflexão e na ação conjuntas.

2. No dia 19/01/2023, dia de lançamento desse caderno, temos 795 dias para essa reviravolta radical.

COLETIVO O BURBURINHO: Baptiste, você tem uma resposta sobre qual deve ser nosso canteiro prioritário?

BAPTISTE LANASPÈZE: Do mesmo modo, para mim também é uma pergunta bastante ampla, mas para nós, uma editora que propõe e que milita através de ideias, pode parecer irrisório e cansativo fazer livros de cem, duzentas, trezentas páginas no período de 942 dias. O que vocês, mais novos, não viram, porém, foi o trabalho feito há dez anos. Há dez anos, a discussão que estamos tendo hoje seria impossível. As coisas se movimentaram no nível da discussão política, do que é possível ou não de ser dito, do que é academicamente audível ou não, dos autores que poderíamos ou não citar. Há dez anos, nas ciências sociais, se você citasse Gaia, sua carreira acabaria, seria ridículo, seria sua morte social. As coisas mudaram significativamente. Não que eu ache que já basta, que já mudou o suficiente. Mas já fizemos esse trabalho nesta década, junto a uma dezena de editoras, autores e autoras. Agora que este trabalho foi metabolizado pelas lutas, nos encontramos com meus colegas da *WildProject*, que estão aqui conosco, e compreendemos que nosso trabalho corroborou com uma revolução intelectual, uma mudança de paradigma. Não quer dizer que todos os franceses saibam, mas os livros estão aí, para que saibam. Em geral, as pessoas tomaram consciência de que a questão ecológica é uma revolução cosmológica. E então, a sua pergunta: o que faremos na próxima década, nos próximos 942 dias? Compartilho com Marin e os demais colegas o sentimento de sentir-se desamparado frente a uma visão bastante concreta, de que não há ação sem uma visão clara. Não adianta se debater em um Titanic afundando. Não há inspiração nisso. O que é essa sociedade ecológica? Então, redefinimos o projeto da editora, dizendo que o aspecto da revolução intelectual era positivo, estava feito, outras editoras continuariam com ele, mas e quanto à sociedade ecológica? E foi aí que Marin conheceu os trabalhos de Alberto Acosta e de outros pesquisadores; então decidimos organizar *Les pensées de l'écologie: un manuel de poche* [Pensar a ecologia: um manual de bolso], que nos parecia uma ponta de lança do futuro, algo como um manual das sociedades ecológicas. Porque é bom agir, mas agimos de modo desordenado, em 900 dias não sabemos onde estaremos. É algo perigoso. Além disso, há

uma ingenuidade em ligar-nos a motores que nos agradam (a vida, a ação etc.) em um mundo globalmente estruturado sobre uma guerra contra a natureza, um mundo estruturado pela necropolítica. Como diz Descola, “a guerra contra a natureza dá sentido ao destino humano”. Isso é a modernidade. Se não atacarmos esse programa intelectual, não poderemos agir eficientemente. Não podemos, portanto, subestimar a importância do trabalho teórico. Por isso que, na próxima década, o programa da *Wildproject* é compartilhar visões de sociedades ecológicas do futuro, encabeçado por *Pluriverso*, que sai em 9 de setembro, bem como o livro de Vandana, que sai no mesmo mês, chamado *Monocultures de l'esprit* [Monoculturas do espírito], que funciona como a *Primavera silenciosa* dos países do Sul. Ou seja, é uma denúncia da agricultura industrial e a toxicidade dos pesticidas que destroem culturas, saberes e conhecimentos nos países das Américas. Esse livro, de 1993, apresenta de alguma forma a morte do “desenvolvimento” e tudo o que gira em torno dele, porque este é nosso inimigo, o “desenvolvimento”, e *Pluriverso* é a resposta a este diagnóstico emitido na década de 1990.

O segundo grande assunto, trazido por Marin e outros amigos, é a questão do desmantelamento, que na nossa opinião vai se tornar uma grande questão na década de 2020. Dizemos isso porque, para fazer acontecer essa sociedade ecológica num mundo necropolítico, que tem como objetivo social a destruição da vida, há que se desmantelar. Desmantelar não só as centrais nucleares, mas também a agricultura industrial. É vertiginoso. E isso não vai levar apenas 942 dias, sinto muito, jovens, mas, quem sabe, vinte ou trinta anos. Nós somos habitados pela ideia de que esta revolução ecológica, que é ao mesmo tempo uma revolução cosmológica e política, durará um século. Ela começou em 1950, 1960, e desde então deve levar um século, bem como o Iluminismo levou um século, o Renascimento e o Socialismo levaram um século. São grandes movimentos sociais. Nós temos 942 dias, mas também estamos implicados neste século. Pensem nos últimos 50 anos; os 50 anos de Vandana e de Alberto.

VANDANA SHIVA: Dois ou três pontos rápidos: primeiro, “urgente” não significa velocidade, mas um imperativo ético de mudança.

A velocidade criou o problema, os combustíveis fósseis garantem velocidade. Portanto, mais velocidade não vai resolver o problema. Vejo que, nessa noite, o assunto da escuta e da absorção está presente. Para mim, ecologia é sobre relações saudáveis, de escuta e de vivência. Vocês, jovens ativistas, se juntaram ao movimento por compartilhar essa angústia, essa ansiedade. Os ricos, os bilionários, o 1%, são responsáveis por 50% da destruição do planeta, e estão satisfeitos com o *greenwashing*. O que mais gostei no filme de vocês foram as ovelhas e as vacas. Vemos uma comunidade que quer se enraizar e pertencer e faz isso por meio da criação de vacas e ovelhas. Um dos piores ecocídios que estão sendo planejados, em nome das mudanças climáticas, é a matança de milhões de animais, como se eles fossem o problema e não a maneira como são criados. A indústria e o mercado financeiro dizem que um milhão de ovelhas irlandesas e um terço das holandesas devem ser mortas. Se temos consciência de que a Terra não é um objeto, não é passiva, mas ativa; que cada parte das árvores e das ovelhas está conectada, e que nós, humanos, não estamos à parte, temos que colocar mais energia para evitar que a indústria mate todos os animais na tentativa de solucionar o problema ambiental. Alberto lutou durante muito tempo contra o petróleo, e eu escrevi um livro chamado *Soil not Oil* (Solo, não petróleo), por isso, acho que precisamos nos livrar de toda a contaminação colonial do petróleo em nossas mentes. No lugar dela, nos inspiramos nas culturas do solo, da terra, como os povos da América Latina. Os povos indígenas nunca ficam ansiosos, eles perguntam simplesmente: “qual é a coisa certa a se fazer?”.

ALBERTO ACOSTA: Quero começar assinalando que a modernidade está num caminho sem saída. É importante saber aonde não queremos chegar. Nicolas Maquiavel, há mais de 500 anos, dizia que uma das tarefas fundamentais é conhecer os caminhos do inferno, para poder evitá-lo. O segundo ponto importante é reconhecer a capacidade de luta que existe em muitas partes do planeta. Eliza Levy, em seu filme, nos mostrou um caso muito concreto, a ZAD de Notre-Dame-des-Landes, onde se defende um território, onde as pessoas que lutam não vivem na região. É uma mensagem muito importante. Na Alemanha, temos o

caso da defesa da floresta de Hambach, onde a juventude está defendendo um espaço de vida. No sul da Itália, temos a luta contra a construção do gasoduto que vem do Azerbaijão. O mesmo no norte da Itália, onde a luta é contra a construção de um trem de alta velocidade, que pretende seguir acelerando a vida, para permitir uma crescente e mais rápida acumulação de capital. Estas lutas de resistências existem no Norte global, mas no Sul são lutas de resistência e de re-existência. O caso, por exemplo, de Sierra Nevada, na Colômbia; do Território Indígena e Parque Nacional Isidoro-Sécure, na Bolívia; o caso do Yasuní, no Equador; o caso de muitas outras comunidades que resistem à avalanche do capital e do extrativismo. A defesa concreta dos bosques amazônicos, asiáticos e africanos representa ações de proteção contra o colapso climático, muito mais importante do que os discursos vazios e retóricos das convenções internacionais, como a COP da França, da Alemanha ou de qualquer lugar. Mas existe algo mais significativo do que essas lutas. Não só o fato de proteger a vida, proteger as selvas, mas o fato de nos dar uma quantidade de visões, experiências, valores para construir outros mundos. O ponto chave fundamental é fazer um esforço para entender que, quando os indígenas falam da Mãe Terra, da Pachamama, não o fazem como uma metáfora, mas como uma realidade concreta. Uma mãe não precisa de uma lei para que a respeitemos, para que cuidemos dela, para que a amemos. Por isso, é importante recuperar essas visões, sintonizar-nos com múltiplas lutas que entendem que somos natureza, e que temos que garantir os direitos desta Natureza. Num sentido estrito, nós não damos direitos à natureza. No Equador, estabelecemos pela primeira vez, até agora, a única Constituição onde a natureza é sujeito de direito. Na realidade, quem nos dá direito à vida é a Mãe Terra, é a base dos direitos dos quais temos que começar a mudar o mundo.

COLETIVO O BURBURINHO: Então para você o canteiro prioritário são os direitos da natureza?

ALBERTO ACOSTA: Existem muitas tarefas prioritárias, não somente uma. Para começar, não sou médico, não emito receitas. O primeiro a se compreender é a realidade do mundo. Depois, o mundo em que

vivemos e o mundo do qual vivemos. Neste cenário, a grande tarefa é organizar-nos, cuidar-nos e criar cenários estimulantes; e, adicionalmente, criar ações concretas para resolver os problemas concretos em cada um dos territórios. Vocês têm as respostas. Não fiquem nos perguntando sempre o que fazer. A grande tarefa é como nos organizamos em nossos bairros, em nossas comunidades, e como o fazemos sem esperar que a solução venha do Estado e dos grandes organismos internacionais. Não temos mais tempo para esperar.

COLETIVO O BURBURINHO: Baptiste, quer dizer mais alguma coisa?

BAPTISTE LANASPÈZE: Ainda sobre a questão do campo prioritário, eu dizia, quando conversávamos com a equipe, que o modo como nos alimentamos toca assuntos vitais, como a saúde de nossos corpos e nossa relação com o mundo e com a terra. Por isso, o desmantelamento da agricultura industrial é uma prioridade gigantesca. Não sei se em 942 dias, mas se temos uma prioridade, ela deve ser o desmantelamento da agricultura industrial. E o que está intimamente ligado a isso é o repovoamento do campo, já que não podemos produzir a comida que produzimos hoje, no método industrial, com apenas 1 ou 2% da população dos países desenvolvidos vivendo no campo. Precisaríamos de 10, 20, 30, 40, 50, 60% de camponeses em um país. É o caso de uma “recamponesificação” do mundo. Poderíamos, por exemplo, ter uma estação fiscal extremamente simples, para os camponeses que quisessem se instalar em grupos. Mas, além disso, temos que nos lembrar de que a Europa foi criada para algo que se chama Política Agrícola Comum, e que este é um sistema de subvenção da industrialização da agricultura, pois a agricultura industrial jamais foi rentável, ela só funciona se for subvencionada, e falamos de 30 bilhões de euros por ano. O coração da Europa é a Política Agrícola Comum, que, na verdade, financia a indústria. Portanto, é um preço enorme que se paga para subvencionar a agricultura industrial. Não é uma ação pelo vivo, mas uma ação pela morte, porque a energia dispendida para destruir é colossal. Abster-se de matar já seria algo grandioso. É por isso que devemos tomar cuidado, pois, às vezes, quando apresentamos somente um lado da ideia do “agir pelo

vivo”, podemos ser facilmente cooptados pelo sistema que vai dizer: “esperem aí, já temos a PAC, temos as Redes Natura 2000”, e tudo mais. Essa é a esquizofrenia de nosso mundo, e nós cooperamos com ela se somente “agimos pelo vivo”. Não basta agir pelo vivo.

COLETIVO O BURBURINHO: Obrigado, Baptiste. Enquanto preparávamos, com Agathe, esta conferência, compartilhamos também com as pessoas que fariam parte deste festival, Thuleau e Camille Estavel, a quem agradecemos pela programação. Foi um enorme trabalho, a longo prazo, reunir palestrantes tão apaixonantes. Nós dizíamos: “por que as pessoas viriam vê-los durante várias horas, escutar o que têm a dizer, já que muito já está escrito em livros e posteriormente serão publicados?”. Mas a verdade é que essa é a possibilidade de ter um momento mais intimista, sem entrar, é claro, em suas intimidades. Entendam que há muitos jovens aqui que anseiam fazer alguma coisa, e que buscam inspiração em vocês, que possuem bem mais experiência devido à longevidade. Por isso, o que vocês fizeram em suas vidas para continuar com esperança e alegria? No coletivo de artistas e ativistas *Le bruit qui court*, que estamos construindo, tentamos cultivar esta alegria do engajamento num mundo que derrete, onde é, por vezes, complicado manter o sorriso e dar seguimento a ações que não são sempre fáceis. Seria muito bom saber de vocês o que concretamente mantém o entusiasmo e a esperança acesos em suas vidas. Como compartilhamos com vocês um pouco de nosso cotidiano na ZAD, podemos talvez começar com Eliza? Se você puder compartilhar um pouco.

ELIZA LEVY: Eu encontro alegria em minha prática artística concreta, na possibilidade de colocar em cena novas histórias. Eu encontro alegria na justeza de perceber que é completamente possível compor novas histórias. Precisamos contar novas histórias, a partir de coisas extremamente precisas, de elementos extremamente precisos, que a análise das ciências humanas oferece, nos explicando do que somos feitos, do que fazemos nossas histórias. Percebemos, assim, que é possível fazer tudo desabrochar, recomeçar, inventando novos contos, fazendo renascer a magia. Eu me alimento disso, indo ao silêncio da floresta, da palavra, me

conectando às diferentes formas de não humanos, passando um tempo em silêncio. É aí que eu encontro minha felicidade e minha inspiração. Além disso, eu transmito, através de meus filmes (pelo menos é o que eu sinto), que todos queremos encontrar a poesia, o encantamento, a alegria, é um pouco clichê dizer isso, encontrar o religamento com a nossa infância, essa parte de nós, da qual fomos forçados a nos separar. Tudo está aí, tudo está vivo. Podemos encontrar magia em tudo. Efetivamente, quando dizemos isso e vemos a máquina de morte, que está também aqui, e que continua a destruir, os espaços se encolhem, a colonização chega ao interior de nosso país. Isso é extremamente difícil. Há sempre uma tensão entre a ação, que é um momento de alegria, e a constatação do problema, quando olhamos para o lado, que faz parecer tudo uma distração. Temos que nos esforçar até que o naturalismo encontre uma brecha e desabroche, e, para tanto, a luz deve ser suficiente para operar uma mudança.

COLETIVO O BURBURINHO: Vandana, quero fazer a mesma pergunta a você, sobre a manutenção da alegria nas lutas. O que a impede de resignar-se depois de dezenas e dezenas de anos de luta e combate, e que dá forças para você se levantar todos os dias?

VANDANA SHIVA: Agir pela vida! A esperança não é algo que se compra, não é uma *commodity*, um produto. Esperança é o que você cultiva, é o resultado de suas ações, de seus engajamentos. Na minha vida, quanto mais fui confrontada com a destruição e o choque, mais eu me engajei pelo cultivo da esperança. Se as Monsanto não existissem no mundo, tentando padronizar as sementes e afastando-nos do selvagem, eu não estaria guardando sementes. E semente é esperança; você planta sementes e elas vão te dar sementes. Isso é alegria, participar do processo da vida é a beleza e a alegria. Além disso, espalhamos alegria quando compartilhamos. Essa é a motivação do movimento de espalhar sementes, o Navdanya. Criamos uma universidade onde compartilhamos o que aprendemos com a natureza. Através do compartilhamento, criamos uma economia da abundância, que é algo que o filme nos mostra. Porque a escassez foi construída, a ganância foi construída,

o desespero é construído todos os dias, e a esperança é nossa maior forma de resistência.

COLETIVO O BURBURINHO: Alberto, sobre a questão da alegria, há alguns minutos você evocou seus netos. Como você encontra esperança e alegria na sua luta para não se resignar?

ALBERTO ACOSTA: Há várias razões. A primeira é a capacidade de indignação que devemos ter. O mundo é esquizofrênico e devemos enfrentá-lo como tal, buscando transformá-lo. Baptiste falava do tema da alimentação. No mundo, há aproximadamente 7,6 bilhões de pessoas. Todos os dias mais de um bilhão dessas pessoas voltam com fome para suas casas, supondo que têm uma casa para qual voltar. Sabemos muito bem que no mundo se produz alimento para 10, 11 bilhões de pessoas. Há milhões de pessoas que não têm dinheiro para conseguir alimento, inclusive camponeses, levados pela lógica do mercado à monocultura agrícola. O desperdício de alimentos, segundo as Nações Unidas, chega a 1,3 bilhões de toneladas por ano; 670 milhões no Norte global, 630 no Sul, suficiente para alimentar 200 milhões de pessoas. O assunto é ainda mais perverso, mais esquizofrênico, já que se vendem produtos no que os economistas chamam “mercado do futuro”, a especulação, 70% dos cereais que se comercializam no mercado mundial, se vendem no mercado do futuro. São alimentos que sequer foram feitos. São produzidos alimentos para os automóveis, não para os seres humanos. As monoculturas estão acabando com a biodiversidade, estão encapsulando a lógica do mercado nas sementes, que são a essência da vida, como ensinou Vandana. Isso me indigna. Pensem na resposta que deram os grupos de poder político em relação ao coronavírus. Em pouco tempo conseguiram vacinas para enfrentar o coronavírus. Não questiono a eficiência das vacinas, mas foi muito rápido. Sabemos bem que a malária afeta milhões de pessoas. No ano passado, mais de 241 milhões de pessoas se contaminaram com malária no Sul global, e ainda assim não existe vacina para enfrentar esse problema. Isso também me indigna. Mas a indignação demanda criatividade e alegria, porque a indignação, sem criatividade e sem alegria, simplesmente aumenta a amargura e a

frustração. Aprendamos a questionar as mensagens do poder, aprendamos a desobedecer ao poder e aprendamos a viver com alegria. Eu não vou viver o novo mundo, mas vocês sim. Vocês são a esperança para o novo mundo, para que meus netos e netas vivam em um novo mundo. Muito obrigado.

COLETIVO O BURBURINHO: Baptiste, você quer retomar a questão da alegria, antes de abirmos para as perguntas do público?

BAPTISTE LANASPÈZE: É uma boa questão, sobretudo porque no mundo da militância, onde estamos mais expostos, é uma questão frequente. Em minha militância, na criação da editora, a questão me interessa, quando falamos, há pouco, de necropolítica e o modo como contribuimos com este sistema que destrói a vida. Essa destruição não está apenas fora de nós, mas também em nós mesmos, em sistemas que nos impregnam de uma cosmologia moderna, que separa natureza e cultura, que nos corta de nossa própria origem natural, nossa relação com nossos corpos, nossa sexualidade, e outros aspectos de nossas vidas interiores. Nos privam até da ideia de que nossas vidas interiores sejam naturais. Nós somos, enquanto sociedade moderna, neuróticos – nome que se dá quando a alegria desaparece e não nos sentimos bem conosco. Essa clivagem entre natureza/cultura e a clivagem interior foram apontadas pelo fundador da psicanálise, Carl Gustav Jung, que mostrou como a modernidade, ao cortar nosso contato com a natureza, com a religião, criou um tipo de neurose estrutural nos seres modernos. Por isso, é preciso estar um pouco morto em si mesmo; quanto mais estivermos mortos, tristes, neuróticos, no pior de nós mesmos, mais seremos contratados para construir rodovias e carros, e para dar seguimento na aventura da guerra contra a natureza. Acredito que há uma ligação profunda entre esta disposição interior, de estar morto para si mesmo, e matar o que está fora. Como você vai querer mudar o mundo se você mesmo está morto por dentro? Estamos deprimidos, quebrados por um sistema que nos mata. Com a *Wildproject*, para voltar sob os meus pés, há 15 anos, somos uma pequena editora, tivemos altos e baixos, momentos mais duros; mas, em geral, se eu a criei não foi porque havia

desastres ecológicos contra os quais eu queria lutar, mas porque a descoberta de pensamentos ecológicos foi, para mim, em meu íntimo, um renascimento que trouxe uma imensa alegria. É por isso que eu acho estranho esse arco-íris, porque num contexto de desastre ecológico, que vivo desde os 15 anos, tenho vontade de reconstruir minha paisagem interior, e compartilhar em forma de livro junto aos autores. E eu acho que isso tem efeitos. Falamos o tempo todo de ir além do binômio natureza/cultura, mas precisamos ir além também do interior/exterior, pois existe uma natureza em nós mesmos, da qual precisamos cuidar. Por isso, penso que a alegria, falo isso pensando no meu filho pequeno, quando a vemos num jovem, num ser humano, a vida e a alegria, *vida = alegria*, a equação inicial, percebemos que cultivar a natureza é cultivar esta vida também em nós mesmos.

COLETIVO O BURBURINHO: Obrigada pelas palavras inspiradoras! Eu acho que todas e todos que estão aqui gostariam de uma frase, antes de seguir para a próxima pergunta. Gostaríamos de saber se vocês têm algum conselho a dar às pessoas presentes na sala, sobretudo às gerações mais jovens que tentamos representar. Em uma frase, qual conselho vocês têm para elas, antes de ir embora?

VANDANA SHIVA: Como um princípio, eu nunca dou conselhos porque eles são arrogantes. Mas eu os convido a partilhar experiências, e como falamos de livros, gostaria de contar uma pequena história. Eu larguei o mundo universitário para dedicar-me ao ativismo ecológico. Minha editora, ao me ouvir discursar no Encontro de Mulheres, em Nairóbi, me disse que eu deveria escrever um livro. Eu respondi: “eu parei de escrever!”. E, no entanto, ela me fez escrever *Staying Alive*, me dizendo que escrever fazia parte da militância. Vocês todos estão trabalhando, cada um falou de suas ações, de seus combates e vocês falaram sobre alimento. O que eu mais aprendi sobre o sistema alimentar foi pensando sobre os fungos que vivem no solo. Eles só vivem em solos naturais e não sobrevivem aos solos quimicamente tratados. Não os vemos, eles são invisíveis, mas em uma polegada cúbica de terra existem oito mil quilômetros de fungos, numa rede de distribuição de alimentos.

Para mim, agir pelo vivo é seguir as micorrizas fúngicas. Não se preocupe com a visibilidade, com a pequenez; estas são suas forças. Toda vida é construída do que é pequeno, apenas a destruição começa do grandioso.

ALBERTO ACOSTA: Estas são as perguntas mais complicadas a se fazer, ainda mais para mim, que não venho do mundo do ativismo. Seguramente, todas as pessoas aqui presentes assistiram ao filme *Guerra nas estrelas, Star Wars*. Venho do “lado escuro da Força”. Trabalhei em uma empresa petroleira, vendendo petróleo, e acreditava que o petróleo era o sangue que enriquecia os países. Com minha companheira, Ana Maria, enquanto passava ao lado do oleoduto equatoriano, disse: “daí vem a riqueza da economia equatoriana!”. Ela, bióloga, ecologista, respondeu: “não, daí sai o sangue da Amazônia equatorial”. Agora, luto para que o petróleo fique no subsolo. Sou economista, perdão, ninguém é perfeito. Acreditava que o crescimento econômico resolvia os problemas. Agora, acredito que temos que nos libertar da religião do crescimento econômico permanente. Apoio o processo de “decréscimento”. Fui, por mais de quarenta anos, professor de teoria do desenvolvimento, e sinto-me agora como um velho professor de astronomia, que se especializou em uma só estrela, e se dá conta de que esta estrela não tem luz e está apagada, ou mesmo que nunca teve luz; o desenvolvimento capitalista é uma miragem. Aprendi que temos que nos aproximar, com muita humildade e responsabilidade, dos povos originários, que nos dão opções de como entender o mundo de outra maneira, e de como construir outros mundos. São três razões que mantêm minha esperança: a capacidade de duvidar, a capacidade de me indignar, e a capacidade de amar a vida. Muito obrigado.

ELIZA LEVY: O que tenho a dizer é: o que me guia na direção do filme é o fato de que é importante ter consciência de que toda vida é política e todos temos potência de ação. Toda decisão que tomamos, sobre a forma que levamos nossas vidas, é importante. Toda vida é política e é preciso tomarmos consciência disso. Acredito que isso dê muita força.

COLETIVO O BURBURINHO: Bom, não temos muito mais tempo, mas se tivermos uma ou duas perguntas, esse é o momento de fazê-las. Não é

sempre que podemos fazer uma pergunta a estas quatro pessoas, não é? Alguém na sala tem uma pergunta? Não precisa ser uma pergunta de cada uma das 130 pessoas. Aí está uma.

PÚBLICO: Só uma pergunta, uma ideia sobre como direcionar uma possível luta. Não sei se vocês ouviram falar dos *insiders*, trabalhadores de empresas que têm grande impacto no planeta. Será que pode haver outras formas de luta concomitantes às que vemos em Notre-Dame-des-Landes? Talvez do lado de dentro das empresas, ajudando a quebrar a máquina?

VANDANA SHIVA: Uma companhia não são os indivíduos dela, mas um pedaço de papel com valor jurídico ficcional, que diz que a corporação é uma pessoa. Indivíduos podem espalhar alertas, mas eles não conseguem mudar a estrutura, nem a lógica de uma corporação. O mais importante para mim, quando escrevi o livro *Oneness vs. 1%*, era saber como a Bayer tinha comprado a Monsanto, e descobri que ambas eram controladas pelas mesmas pessoas. Agora, eles estão planejando comprar a natureza. Antes, costumavam comprar partes da natureza para extração e mineração, agora, querem comprá-la a partir de empresas “fora do meio ambiente” e criar uma economia fictícia e especulativa de mais de quatro trilhões de dólares. Então, sim, é bom ter pessoas de dentro que nos alertem, mas todos temos que espalhar esses alertas, em todos os lugares e todos os dias.

COLETIVO O BURBURINHO: Mais alguma pergunta do público?

ALBERTO ACOSTA: Muito rapidamente, concordo com Vandana que a solução não é isoladamente individual. Muitas vezes somos convencidos de que, se consumirmos responsabilmente, o mundo vai mudar. No entanto, a tarefa é como organizar indivíduos e grupos para irem roendo o sistema de dentro. Esse é um dos grandes desafios que temos e uma das grandes tarefas que devemos assumir, conscientes de que a organização e a luta coletiva são o caminho para transformar o sistema capitalista. Devemos tecer as lutas, fazer parte das lutas feministas, decoloniais, ecológicas e socialistas. Isso demanda sempre mais democracia, e nunca menos.

PÚBLICO: Boa noite, eu faço coro ao que Vandana acabou de dizer e gostaria de um esclarecimento em relação à parte jurídica. Alguns acordos foram assinados, depois de dez anos de negociação, em Nagoya, no Japão. Acordos que tratam de proteger a vida, em relação à proteção dos povos guardiões desses seres vivos. Cada país deveria proteger seus DNAs, o DNA de cada elemento vivo, humano ou não. Eu gostaria de saber o que vocês acham dos acordos de Nagoya.

VANDANA SHIVA: O Protocolo de Nagoya é um protocolo sobre a biodiversidade. A Convenção sobre a Diversidade Biológica, assinada em 1992, reivindica que todos os países e cidadãos protejam a biodiversidade, ou seja, a vida. O Protocolo de Nagoya obriga, a qualquer um que usufrua de recursos naturais, a pedir permissão, não só ao governo, mas aos povos originários e protetores. Mas, em geral, os recursos biológicos são roubados e os protetores destes recursos nunca são consultados. Ou, no máximo, dão cinco dólares a alguém e consideram isso como divisão de lucro. Como Alberto disse, toda a ginástica dos negociantes internacionais serve mais para proteger os piratas do que os protetores da vida. O que quer que haja nas constituições e leis internacionais está se desmantelando, por isso devemos protegê-las, já que as Nações Unidas foram totalmente pirateadas pelo Fórum Econômico Mundial. A Conferência Mundial da Alimentação era dirigida pela FAO, e agora está nas mãos de Bill Gates. Todas as decisões climáticas, atualmente, estão sendo tomadas pelo mundo financeiro e pelos bilionários. Nosso trabalho é o de mostrar o que há de ilegítimo nestas decisões, e é por isso que digo que devemos regenerar a democracia, torná-la o que chamo de democracia enraizada com a terra, os seres vivos e a vida cotidiana. Precisamos de algo bem maior do que a Revolução Francesa, que seja uma revolução de paz e de não violência.

COLETIVO O BURBURINHO: Acho que temos uma última pergunta. Vi algumas mãos indicando alguém...

PÚBLICO: Obrigada, primeiro gostaria de agradecer por estar na presença de pessoas tão inspiradoras, e gostaria de fazer uma última

pergunta, um pouco íntima, seguindo para um lugar mais leve. Falamos hoje de imaginários, de amor, e eu gostaria de saber se vocês poderiam compartilhar, dos seus sonhos e imaginários, algo mais íntimo que vocês gostariam de ver acontecer nos próximos anos. Muito obrigada.

COLETIVO O BURBURINHO: Quem quer compartilhar seus sonhos? Sei que têm alguns...

VANDANA SHIVA: Meu sonho, e é um sonho pelo qual eu vivo todos os dias, é um mundo feito de jardins, e não de guerras.

COLETIVO O BURBURINHO: Obrigada. E falando de sonhos, Alberto, você compartilhou uma foto, enquanto conversávamos. Quero propor que a mostremos. Você nos mostrou essa foto e aqui está escrito “sejam realistas, peçam o impossível”. Será que você pode explicar um pouco?

ALBERTO ACOSTA: Muitas vezes dizem que devemos ser pragmáticos. Muitas vezes dizem que temos que ser realistas e aceitar o mundo como é. Eu aprendi, muito jovem, há mais de cinquenta anos, o que se disse e se escreveu nas ruas de Paris na Revolução de Maio de 1968: temos que ser realistas e exigir o impossível. Não se trata de sustentar o sistema, de manter o sistema com algumas mudanças; temos que transformar o mundo. Isso me leva a um sonho, um sonho que acredito e que, com a ajuda da juventude, pode virar realidade. Um mundo onde meus netos e netas, e os netos e netas de todos os habitantes do planeta, inclusive os daqueles que estão agora destruindo a Mãe Terra, que todos possam viver com dignidade. Precisamos do pluriverso; um mundo onde caibam muitos mundos e que possibilite a vida digna de seres humanos e não humanos. Como fazer isso? Lutando no dia a dia em nossos territórios, comunidades e culturas. A melhor notícia é que não há receitas nem modelos, mas somente nossa criatividade e capacidade de luta.

Obrigado.

ALBERTO ACOSTA

Economista equatoriano, ex-gerente de marketing da Corporación Estatal Petrolera Ecuatoriana (Cepe), ex-ministro de Energia e Minas do Equador e ex-presidente da Assembleia Constituinte que escreveu a Constituição equatoriana de 2008. Atualmente, é professor, teórico do *Buen Vivir* e autor de inúmeros livros e artigos, dentre eles *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (Elefante / Autonomia Literária, 2016), e coautor, com Ulrich Brand, de *Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista* (Elefante / Autonomia Literária, 2018).

VANDANA SHIVA

Física por formação, é uma ativista ambiental indiana e ecofeminista de influência global. Dirige a Fundação de Investigação para a Ciência, Tecnologia e Ecologia, e iniciou a criação da [ONG Navdanya](#) para o desenvolvimento da agricultura biológica. Ela já escreveu mais de 20 livros. Foi-lhe atribuído o Prêmio Nobel Alternativo de 1993 “por colocar a mulher e a ecologia no centro do discurso do desenvolvimento moderno”.

BAPTISTE LANASPÈZE

Autor e editor, criou a editora [Wildproject](#), que publica obras sobre o pensamento ecológico. “Como podem as sociedades humanas ser reorganizadas na sua relação com os seres vivos, a fim de pôr fim à contínua extinção da vida na Terra?”

ELIZA LEVY

Cineasta e diretora. Em 2015, ela se encontrou com Philippe Descola. “O que Philippe Descola trouxe à luz, a multiplicidade de ontologias e assim a relatividade das nossas próprias, oferece uma incrível lufada de ar fresco à imaginação poética e política do nosso tempo. É uma base para forjar novas histórias e mitos, com um rigor de poupança. Em cada um dos meus filmes, tento reconciliar o humano com o sensível. Tento trazer de volta à vida o que vemos, e imaginar o que os nossos olhos não vêem; trazer à tona a magia para reencantar o nosso mundo.”

COLETIVO LE BRUIT QUI COURT [O BURBURINHO]

Uma comunidade de 150 artistas - ativistas e artistas empenhados – que estão convencidos de que nenhuma mudança profunda pode acontecer sem novas imaginações e sem vencer a “batalha cultural”.

AGIR POUR LE VIVANT [AGIR PELO VIVO]

Festival que une vários pensadores de diferentes gerações e países para refletir e construir uma sociedade dos vivos, onde a vida (humana e não humana) esteja acima de tudo. Em 2022, para a terceira edição, Anna Dantes, Madeleine Deschamps, Cristine Takuá e Carlos Papá foram convidados para participar de palestras e da residência “novos desenhos ecológicos”.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos. Agradecemos Renier Silva e a Soleni Biscouto Fressato pela tradução e revisão.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

TRADUÇÃO

RENIER SILVA

Renier Silva nasceu e cresceu na Zona da Mata de Pernambuco e vive em São Paulo. Estudou Letras na FFLCH-USP, e atua como professor, tradutor e editor de texto entre as línguas portuguesa e francesa. Experimenta-se nas artes visuais e na poesia.

REVISÃO

SOLENI BISCOUTO FRESSATO

É historiadora e socióloga, integrante do Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Capital, Trabalho, Estado e Ecologia. Suas últimas reflexões versam sobre a crise generalizada da racionalidade moderna e neoliberal e sobre a urgência de criação de alternativas transformadoras para viver e pensar.

AGRADECIMENTO

COLETIVO LE BRUIT QUI COURT:

Maxime Ollivier

Agathe Redier

AGIR POUR LE VIVANT:

Alain Arnaudet

Camille Estavel

Hortense Guegan

Françoise Nyssen

Jean-Paul Capitani

Anne-Sylvie Bameule



Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2023

